

# Psicanálise e a vocação iconoclasta das utopias

Edson Luiz André de Souza

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Brasil)*

## Resumo

Neste trabalho procurarei mostrar a vocação histórica das utopias que persegue muito mais a destituição de certas imagens/ideais que nos capturam em suas ideologias paralisantes. É fundamental pensarmos as utopias como ficções que produzem verdades históricas na medida em que suas narrativas cumprem uma função crítica e interpretativa do laço social. Apoio-me neste ponto na interessante distinção feita no recente livro de Russel Jacoby, *A imagem imperfeita*, no qual faz uma diferença entre as utopias projetistas e as utopias iconoclastas. Penso que a psicanálise tem muito a contribuir neste debate e pretendo trazer algumas reflexões sobre método que aproximam estes dois campos. Partirei de um texto de Yukio Mishima para desenvolver esta reflexão.

## Palavras-Chave

Psicanálise, utopia, Lacan.

*Edson Luiz André de Souza* é professor adjunto do Departamento de Psicanálise e Psicopatologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Atua na Pós-Graduação em Psicologia Social e na Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS. Coordena, junto com Maria Cristina Poli, o *Laboratório de Pesquisa em Psicanálise, Arte e Política/UFRGS (LAPPAP)*. Tem desenvolvido trabalhos em torno da articulação entre psicanálise e arte e do tema das utopias. É membro da *Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, do GT *Psicanálise e Arte* vinculado a ANPEPP, da *Associação Universitária de Psicopatologia Fundamental*, do *Laboratório Interdisciplinar de Pesquisa e Intervenção Social (LIPIS, PUC-RJ)*, do *Grupo de Pesquisa Sujeito, Sociedade e Política (USP)*, da *Rede de Pesquisa Escritas da Experiência (UERJ)*, pesquisador do grupo *Outrarte - estudos entre arte e psicanálise (IEL/ UNICAMP)*, membro da *Society of Utopian Studies (USA)* e membro correspondente do grupo de pesquisa *Pandora - Psychoanalyse et Art (Université de Paris VII, França)*. Foi professor visitante em 2006 da *Deakin University*.

*É necessário viver a vida ao limite, não segundo os dias, mas segundo a profundidade. Não é preciso fazer o que vem depois, se alguém sente que tem mais participação no que vem ainda depois, no longínquo, na mais remota distância. Pode-se sonhar enquanto os outros salvam, se esses sonhos são mais reais para alguém do que a realidade e mais necessários que o pão. Numa palavra: é preciso tornar a mais extrema possibilidade que alguém traz em si o critério de sua vida, pois nossa vida é grande e acomoda tanto futuro quanto somos capazes de carregar.*

Rainer Maria Rilke, *Cartas do poeta sobre a vida*

*Você pode dizer o que é um escritor?*

Robert Musil, *Um problema cultural*

Por vezes, colocar perguntas aparentemente tão óbvias pode surpreender ao perceber nosso embaraço na tentativa de encontrar a resposta que pareceria simples. Talvez um escritor seja justamente aquele que ainda pode ser capaz de formular perguntas como estas. Contudo, não se trata aqui de responder à pergunta de Musil, mas de pensar a partir dela. Ele inicia seu texto “Um problema cultural” com a citação que coloco como epígrafe inicial (Musil, 1965). Na argumentação que constrói em seu texto, Musil mostra justamente a tensão entre o trabalho do escritor e a sociedade de seu tempo que hipocritamente o valoriza de uma forma muito curiosa, ou seja, lhe impossibilitando de viver do seu trabalho. O texto de Musil é de uma ironia profunda, pois mostra que os prêmios literários, as recepções oficiais, os cadernos literários da grande imprensa, o glamour das academias estão longe de tocar no cerne da questão que ele nos endereça. Sua vida é o retrato vivo deste cenário trágico, pois morreu na miséria e esquecimento. Como entender que o autor do *Homem sem qualidades*, um dos grandes romances do século XX, possa ter sido tão cruelmente abandonado pelo seu tempo? Em seu breve texto, que refiro acima, ele ironicamente toca nesta crueldade quando diz “Não é certo que os escritores possam viver do fato que vivamos deles” (Musil, 1965, p. 90).

O que sabemos é que os escritores, com sua energia sempre em excesso, produzem textos que ainda são capazes de fazer vacilar nosso narcisismo obtuso. Aqui penso especialmente em Pierre Fedida quando atribui às palavras o papel de trazer para a linguagem o excesso do sexual (Fedida, 2000, p. 13). Textos com vocação solar, pois correm o risco de se dissolverem no mundo pela força bruta de uma transmissão que aposta no que se perde. O que se perde é justamente a energia (sexual) que nos captura, nos preenche, nos aquece e nos abandona. Um escritor talvez seja como um sol capaz de palavras/vertigens que, ao nos fazer cair, nos permitem sonhar. Georges Bataille insiste nesta via quando define nossa humanidade como “um Deus caído que recorda do céu” (Bataille, 1976, p. 190).

Caídos podemos ainda sonhar e reconstruir com a energia que restou um espaço celeste. Não será justamente esta a vocação utópica de um percurso analítico? O que a psicanálise tem a dizer sobre o tema das utopias? Louis Marin em seu clássico *Utópicas* insiste nesta relação entre utopia e escrita. Diz ele enfaticamente que a utopia é inicialmente um livro.

Queria fazer um outro breve apontamento preliminar e que já trabalhei extensamente em outro artigo (2006, p. 48-60). Trata-se do surpreendente conto de Yukio Mishima “Morte em pleno verão”. Uma mãe perde seus dois filhos afogados no mar enquanto dorme. Desta tragédia uma única testemunha: o filho caçula com seus dois anos de idade. Como sobreviver a esta catástrofe e ao significativo mar que evoca este traumático episódio? Esta mulher anos mais tarde tem outro filho e subitamente resolve voltar ao lugar da tragédia. No caminho para praia escuta o filho/testemunha ensinar para a sua nova irmã a palavra proibida: mar. Enunciação libertadora. Podemos pensar a utopia nesta enunciação da palavra “mar” por Katsuo. Ele desenha para todos um outro mar. Aponta outro horizonte, outra possibilidade de olhar. Utopia que, evidente, não antecipa o que deve ser. O dever ser, nada mais é que um imperativo moral que alimenta as ilusões totalitárias, as quais são equivocadamente chamadas de utópicas. A utopia é como uma formação do inconsciente. Aponta, não uma realidade apreensível, mas um princípio ético do dever de testemunhar e o compromisso com a transmissão. Paul Celan insiste que é preciso reaprender a ler. Katsuo ensina a sua irmã Momoko um pouco da dor, materializada no significativo “mar”. Sua corajosa função de testemunha, transmite a todos a responsabilidade que temos que ter diante da nossa história. Utopia de uma recuperação de lugares perdidos. Escrita de resolução impossível, pois indica a insuficiência do que poderia ser a última palavra sobre a questão. O impossível é o horizonte, que nos desperta de nossa paralisia. A escrita é uma espécie de fracasso necessário deste percurso. A utopia é, portanto, uma forma de rasura. Funciona como um furo no futuro, um furo no saber, que antecipamos a todo momento. Por isto que, muito freqüentemente, vivemos a catástrofe cotidiana das “coisas que continuam como antes”<sup>1</sup>. A utopia é a própria forma da assimetria, do desequilíbrio, da instauração de uma interrupção no contínuo do presente, um sonho que acorda.

O mar se desarma em letras. Vou me deter agora em uma outra letra, que talvez nos ajude a avançar nesta reflexão. Vou propor alguns breves apontamentos que arriscam uma hipótese de pensar o conceito de *objeto a* desenvolvido por Lacan como utopia. Lacan faz sua primeira elaboração e desenho mais efetivo do *objeto a* no seminário da angústia (1968). Apresenta neste seminário inúmeras teses das quais vou destacar algumas, iniciando assim um diálogo com o tema das utopias.

1. Diz neste seminário que os *objetos a* são situados de um lado, como um ponto de alteridade no Outro, ou seja, são construídos a partir do simbólico, mas não são significantes. São objetos não especularizáveis que faltam à imagem. Lacan insiste nesta falta de imagem, nesta invisibilidade em vários momentos. Diz que o *objeto a*, suporte do desejo no fantasma, não é visível naquilo que o constitui. Aponta também que não há imagem da falta (Lacan, 2004). Ora, é exatamente este o argumento de Fredric Jameson, grande pensador das utopias contemporâneas, ao ressaltar que a função da utopia é paradoxalmente seu fracasso. Ou seja, vale por aquilo que nos aponta do nosso em falta com a imaginação. Sua função seria justamente de apontar o que fica interrompido na construção de uma imagem. Vejamos o

<sup>1</sup> Referência a afirmação de Walter Benjamin “Que as coisas continuem como antes, eis a catástrofe” (apud Bloch, 1979, p. 145).

que diz em seu clássico *As sementes do tempo*: “O que nós não somos capazes de desejar ou de trazer para a figuração narrativa do sonho ou da fantasia utópica é muito mais significativo e sintomático do que os três desejos existentes de fato” (Jameson, 1997, p. 85). Então, podemos concluir que o discurso utópico não tem por função uma enunciação do desejo. Acrescenta ele:

a vocação da utopia é o fracasso, o seu valor epistemológico está nas paredes que ela nos permite perceber em torno de nossas mentes, nos limites invisíveis que nos permite detectar por mera indução, no atoleiro das nossas imaginações no modo de produção. Concluímos, portanto, que a utopia mostra aquilo que não podemos imaginar. Só que não o faz pela imaginação concreta, mas sim por meio dos buracos no texto (p. 85).

O *objeto a* é uma espécie de furo no texto e é em torno das bordas deste orifício que nossa humanidade se instaura.

2. A angústia, diz Lacan, é a tradução subjetiva do *objeto a* (2004). *Objeto a* que poderíamos aproximar do *Appensé*, menção feita na última aula do seminário do sintoma, uma espécie de *contra pensar* (2005, p. 155). Um objeto cri-cri, que me faz evocar a proposta de Georges Bataille com seu conceito de Informe, ou seja, o *objeto a* encontraria seu “sentido” como um objeto que serve a desclassificar. Nesta mesma aula, Lacan menciona o Ossobjeto (2005, p. 145), onde fará a diferença entre letra e o significante, resgatando a função da escritura como intrusão. Utopia como escritura, como intrusa, cortando por dentro o fantasma S <> a. Todas as utopias tiveram a função de produzir textos ficcionais anacrônicos ao seu tempo, em um claro sentido provocador ao espírito crítico adormecido de suas épocas.

Aqui cabe uma diferença fundamental entre o que podemos chamar os utópicos projetistas, dos utópicos iconoclastas<sup>2</sup>. Os primeiros se outorgam uma posição prepotente de saber sobre o bem do outro, sobre o objeto que viria organizar a vida e trazer a harmonia e felicidade que tanto queremos. Em geral, estes textos são armadilhas burocráticas definindo as medidas do viver, a espessura do tempo, a horizontalidade do espaço, a forma do desejo. Mas cuidado! Alguns deles o fizeram por uma via da ironia, mas foram muito mal lidos e compreendidos em suas épocas e ainda o são hoje.

3. As utopias, como o *objeto a*, apontam um não lugar. Como a página em branco que evoca Giorgio Agambem ao falar de Herman Melville e seu “Bartleby” em um belo ensaio que escreve sobre contingência. Menciona um precedente notável da página branca, ao recordar que Aristóteles comparou o entendimento ou o pensamento em potência com uma tabuleta de escrita onde ainda não há nada escrito<sup>3</sup>. Utopia como causa, como causa de desejo, mas que não diz de seu objeto. Objeto causa do desejo que barra o sujeito, criando assim esta estranha criatura que se constitui por algo do qual lhe é interdito o acesso. Nesta tradição de inspiração utópica, o enigma não é o pensamento, mas a potência do pensar, não propriamente a escrita, mas a folha em branco.

<sup>2</sup> Ver sobre este ponto Jacoby, 2007.

<sup>3</sup> “A mente é, então, não uma coisa, mas um ser de pura potência e a imagem da tabuinha de escrever, sobre a qual nada ainda está escrito, serve precisamente para representar o modo de ser uma pura potência. Toda a potência de ser ou de fazer qualquer coisa é, de fato, para Aristóteles, sempre também potência de não ser ou de não fazer” (Agambem, 2008, p. 26).

4. Folha que pega fogo, pois tem como borda o real. Outra tese importante aparece: o *objeto a* como *objeto sem idéia* e também como *objeto dejetivo*. Temos que pensar este objeto sempre em queda, como o que “resiste a ser assimilado em uma função significante. Dejetivo que resiste à “significatização” fundamento de todo sujeito de desejo” (Lacan, 2004, p. 204). Podemos ver aqui a riqueza de uma articulação política potente e que capturo na seguinte idéia que encontrei no seminário de Lacan *L’insu que sait de l’une- bévue s’aile à mourre*<sup>4</sup>: “Seria ainda excessivo dizer que há real, porque dizê-lo é supor um sentido. O real que existe é ex-sistência” (Lacan, s.d., p. 76).

Em 1960, o poeta Paul Celan encontrou em uma livraria de Paris uma coleção de ensaios sobre o judaísmo publicada em Praga em 1913. Este livro se chamava *The santification of the name*, de Hugo Bergmann. Celan, que sobrevivera a um campo de concentração nazista e se suicidou aos 49 anos, sublinhou a seguinte frase do Talmud: “Aquele que pronunciar o nome perderá a sua parte no mundo futuro”. Russell Jacoby diz que esta frase sintetiza um axioma dos utopistas iconoclastas, ou seja, sua resistência em representar o futuro. Mas, é preciso deixar claro, acrescenta ele, se o futuro desafia este saber dogmático, não desafia a esperança (Jacoby, 2007).

Este parece ser o fio condutor da invenção lacaniana do *objeto a*, ou seja, introduzir uma desordem denunciando a falácia de nossa crença do encontro do objeto e, em certa medida, a falácia de toda relação de objeto. Roger Dadoun, inspirado na teoria psicanalítica, em seu impressionante ensaio *Utopia: a comovente racionalidade do inconsciente* vai, inclusive, pensar a utopia como formação do inconsciente. Neste sentido invertendo o vetor presente > futuro para presente > passado. Aqui sintoniza com a psicanálise no sentido de que o horizonte se localiza naquilo que podemos recriar em nossas ficções de origem (Dadoun, 2000, p. 34). Este é um ponto fundamental pela sua dimensão política, pois a história só pode ser construída pelas narrações que produz. Estas narrações, sabemos, sofrem muitos imperativos do poder instituído que tenta estabelecer a versões convenientes. *Objeto a* como obstáculo ao imaginário, seja na direção centrípeta como entrave ao sentido, seja na direção centrífuga, como barreira ao espaço de visão, tal qual atesta o seu caráter não-especular (Lacan, 2004).

A lógica de construção de sentidos arma o sintoma que, no plano do laço social, tem como um dos nomes possíveis o de ideologia. Podemos aqui propor pensar a utopia como ato analítico, como corte, como princípio esperança, utopia como crítica, utopia como suspensão do tempo histórico. Louis Marin insiste em pensar “a utopia como uma crítica da ideologia dominante” (Marin, 1973, p. 10).

O *objeto a* introduz fissura no discurso e faz frente às estruturas totalizantes. Portanto, *objeto a* e utopia, apontam para um não-lugar. Não lugar que sustenta uma posição possível para o surgimento de sujeito. Diz Lacan que só há idéia do *objeto a* que por seus estilhaços (Lacan, 2004).

Para concluir, dois apontamentos, que mostram com precisão o mal-estar que constitui todo sujeito. O primeiro é uma passagem lúcida

<sup>4</sup>Lacan joga com uma série de derivações no título deste seminário. Há muitas traduções possíveis. Uma delas seria algo como: “O não-sabido que sabe do equívoco é o amor”

onde Freud ajuda-nos a descolar o pensamento utópico de uma idéia simplificadoras de felicidade. Se o princípio do prazer é, em certa medida, nosso princípio esperança (Bloch), não podemos deduzir daí nenhuma garantia de felicidade. Vejamos em Freud:

(...) o que decide o propósito da vida é simplesmente o programa do princípio do prazer. Esse princípio domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início. Não pode haver dúvida sobre sua eficácia, ainda que o seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo. Não há possibilidade alguma de ele ser executado: todas as normas do universo são-lhe contrárias. Ficamos inclinados a dizer que a intenção de que o homem seja “feliz” não se acha incluída no plano da “Criação” (1980, p. 94-95).

O segundo apontamento trata-se de uma reflexão precisa de Lacan sobre utopia<sup>5</sup>. Tal passagem encontramos na aula do dia 23 de abril de 1969 no Seminário *De um Outro ao outro*. Nesta aula, Lacan está preocupado em indagar a relação entre forma e pensamento. Sua questão é como dar forma ao que escapa ao pensamento. Diz ele que o pensar se debate entre a norma e sua transgressão. Procuramos mostrar, em nosso texto, o quanto o *objeto a* e a utopia funcionam como incisões transgressivas. Lacan busca um pensamento que recupere esta força transgressiva. Certamente sempre foi esta a busca dos utopistas: um *pensar contra*. Diz Lacan:

É lá que a função de pensamento pode tomar algum sentido ao introduzir a noção de liberdade<sup>6</sup>. Para dizer de forma radical, é o *pensamento da* utopia que, como seu nome enuncia, é um lugar de lugar nenhum, de não-lugar, é a partir da utopia que o pensamento será livre para desenhar uma reforma possível na norma. Foi assim que na história do pensamento, de Platão a Thomas Morus, as coisas foram apresentadas. Em relação à norma, do lado do real onde ela se estabelece, é somente no campo da utopia que se pode exercer a liberdade de pensamento” (2006, p. 268, itálico nosso).

Que a navegação continue sempre de forma oblíqua, a única possível, na direção do sol. Talvez em algum momento desta travessia, através da linguagem, possamos balbuciar algum esboço de resposta para a pergunta fundamental de Musil e assim nos aproximarmos, quem sabe, do sentido mais radical do que é uma utopia.

## Referências

- AGAMBEM, Herman. *Bartleby, escrita da potência*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008.
- BATAILLE, Georges. “La limite de l’utile (fragmentos de uma versão abandonado do texto “A Parte Maldita)””. In: *Oeuvres Complètes*, Vol. VII. Paris: Gallimard, 1976.
- BLOCH, Ernst. *Le principe espérance*. Paris: Gallimard, 1976.
- DADOUN, Roger. “Utopie: l’émouvante rationalité de l’inconscient”. In: BARBANTI, Roberto. *L’art au XXe siècle et l’utopie*. Paris: L’Harmattan, 2000.

<sup>5</sup> Agradeço a meu aluno Vitor Hugo Triska a indicação preciosa desta passagem.

<sup>6</sup> Lacan está se referindo aqui à força transgressiva do pensamento.

- FEDIDA, Pierre. *Par ou commence le corps humain. Retour sur la regression*. Paris: PUF, 2000.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização. Obras psicológicas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1980.
- JACOBY, Russell. *Imagem Imperfeita. Pensamento Utópico para uma época antiutópica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- JAMESON, Fredric. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire livre X. L'Angoisse*. Paris: Seuil, 2004.
- LACAN, Jacques. *D'un Autre à l'autre*. Paris: Seuil, 2006.
- LACAN, Jacques. *Le Séminaire livre XXIII. Le sinthome*. Paris: Seuil, 2005.
- LACAN, Jacques. *Seminário XXIV. "L'insu que sait de l'une- bévue s'aile à mourre"*, inédito, s.d.
- MARIN, Louis. *Utópiques, jeux d'espaces*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1973.
- MUSIL, Robert. *Oeuvres pré-posthumes*. Paris: Seuil, 1965.
- RILKE, Rainer Maria. *Cartas do poeta sobre a vida*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SOUSA, Edson. "Escritas das utopias: litoral, literal, litoral". In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 31, 2006.
- SOUSA, Edson. *Uma invenção da utopia*. São Paulo: Lumme Editora, 2007.

